

CENTRALISMO, DEMOCRACIA E UNIDADE DO PARTIDO

Os problemas de centralismo, da democracia e da unidade interna estão a pôr-se cada vez com mais acuidade no Partido Comunista. Isto não é casual. A medida que se cava mais o fosso entre a linha reformista de Álvaro Cunhal e as forças revolucionárias existentes no interior do Partido, os dirigentes vêem-se obrigados a recorrer a um centralismo e a uma disciplina severa, tentando sufocar a luta interna no Partido por meios coercivos.

Esta luta interna no P.C.P. não pode ser indiferente aos marxistas-leninistas, uma vez que aí se agrupa uma grande massa de elementos revolucionários e que a direcção do Partido procura impor-lhes a sua política revisionista, cobrindo-se com a autoridade do marxismo-leninismo. Interessa, pois, estabelecer em que consiste a posição marxista-leninista da unidade do Partido.

Estranhas normas de vida interna

É interessante verificar que os dirigentes do P.C.P., acusando-nos a torto e a direito de dogmatismo, se estão a tornar cada vez mais dogmáticos. Vamos citar alguns exemplos, observados na actividade prática do Partido ou extraídos da sua imprensa, que mostram como, em nome do centralismo democrático, se estão a pôr em vigor estranhas normas de vida interna do Partido.

O "Militante" nº 180, de Outubro de 1964, dá-nos uma ideia de como estão a ser discutidas as divergências surgidas no Partido e no movimento comunista. Elevando-se contra o direito de informação, escrevem os redactores do "Militante": "Como pode em tão aquele que luta pela liberdade, isto é que aderiu e milita no Partido Comunista, fazer-se eco da "liberdade" burguesa, isto é, dos que travam pelo terror, pelo crime, pela guerra, a marcha para a libertação da humanidade? Como pode um camarada dizer que, perante qualquer problema já definido pelo Partido, tem o "direito" de se informar da opinião daqueles que o Partido combate para depois escolher livremente a sua própria definição? Então quando o Partido, que quer libertar pela ditadura da maioria explorada sobre a minoria exploradora, e ao qual livremente se aderiu, diz que o interesse dos trabalhadores é, por exemplo, de combater a divisão nas fileiras do movimento comunista, o camarada, para ser "livre" tem de ir conhecer a opinião da minoria exploradora e parasita, que só pode estar interessada precisamente na divisão e em tudo o que possa enfraquecer o exército mundial do proletariado?"

Como vemos, tudo neste raciocínio é tortuoso e anti-marxista: nega-se aos membros do Partido o direito de se informarem e de pensarem, a pretexto de que o Partido já de finiu uma posição; identifica-se abusivamente a direcção do Partido com todo o Partido, para colocar à margem deste todo o membro que discorda da linha estabelecida; joga-se sem escrúpulos com a oposição do Partido à burguesia (é pena que não se dêem conta dessa oposição noutras alturas) para sugerir que o membro que discorda da linha se identifica com a burguesia; condena-se como "liberdade burguesa" a liberdade de informação, de investigação e de crítica que é a própria base do marxismo-leninismo. E, para melhor fazer aceitar esta arbitrariedade, identifica-se sem pudor uma corrente oposta no interior do Partido e no movimento comunista, a corrente marxista-leninista, com a minoria exploradora e parasita!"

Não admira que, com raciocínios destes, se chegue rapidamente à violação das normas mais elementares da democracia interna. Assim, condenando severamente um camarada por se ter oposto à campanha de insultos lançada sobre um dirigente expulso por lutar contra o revisionismo, escreve o "Militante": "A influência burguesa fez-se sentir; não se

o camarada se deixou levar para aquelas afirmações por um falso conceito burguês de amizade pessoal, a sobrepôr-se aos interesses do Partido, como divulgou para além do que era devido as suas ideias (embora num círculo restrito e responsável). Condena da unanimemente a atitude do camarada, batido por esse mesmo círculo (o seu organismo) o seu conceito burguês de amizade e aquela imprópria divulgação de ideias contrárias às ideias do Comité Central-o que o fez camarada? Redigiu uma defesa cerrada dos princípios democráticos dentro do Partido!" (sublinhados nossos).

Assim, levar ao seu organismo as críticas à direcção do Partido passa a ser considerado condenável! Por inacreditável que pareça, é isto que diz o "Militante". Como justificar um tal atropelo à democracia interna do Partido? É fácil: inventa-se uma subtil distinção, própria de padres jesuítas, entre a "crítica construtiva", que é autorizada, e o "prazer de criticar" (!) vício vergonhoso que é expressamente proibido (artigo citado, "Militante" nº 180).

É evidente que o Partido não pode deixar de se enfraquecer quando se adoptam mé todos destes. E o Partido enfraquece-se mais ainda quando se chega ao ponto de proibir, sob pena de sanções, que os militantes façam chegar a imprensa do Partido às mãos de elementos "dogmáticos" ou "aventureiros", isto é, de elementos que se suspeite estarem ligados ou simpatizarem com as posições do Comité Marxista-Leninista ou da FAP. Durante anos e anos, centenas de militantes passaram pelas cadeias por difundirem a imprensa do Partido, por tentarem fazer chegar a toda a parte a voz do Partido; mas agora, onde quer que eles encontrem ideias revolucionárias, têm ordem para se fechar, para se isolar e esconder as publicações do Partido. Não se apercebem os dirigentes reformistas que procedimentos destes levam ao aniquilamento da sua autoridade?

Não se apercebem eles de que é aniquilar-se politicamente desenvolver no Partido um ambiente irrespirável de intolerância, de suspeição e de "caça às bruxas"? Por que, não lhes bastando já alimentar um espírito sectário, eles fomentam agora a denúncia pública: O "Ávante" cobre-se de lama denunciando à Pide os nomes de militantes revolucionários; em diversas organizações, militantes fanatizados pelos seus dirigentes para a guerra santa contra os "dogmáticos-sectários-aventureiros-provocadores-que-querem-destruir-o-Partido", desenvolvem autêntica actividade policial à procura dos aderentes da FAP e dos militantes marxistas-leninistas e propagam os seus nomes por toda a parte.

Falar em "centralismo democrático" e em "unidade do Partido" quando se adoptam procedimentos destes, é verdadeiramente dar provas de pouco respeito pelo Partido.

A unidade do Partido não se decreta, tem que ser construída

O Partido é um exército em combate. Para levar a cabo as suas tarefas de guiar o proletariado e o povo ao derrubamento da burguesia, à instauração da ditadura do proletariado e à edificação do socialismo e do comunismo, o Partido tem que assegurar em cada momento a mais firme unidade de acção nas suas fileiras. É para isso que o Partido se constitui na base do centralismo mais estrito, com a submissão dos órgãos inferiores aos superiores e das minorias às maiorias, com a disciplina rigorosa e com a proibição da existência de fracções no seu seio.

Esta unidade de acção do Partido tem que ser permanente. E, nos momentos em que se vive uma crise política, quando o Partido está empenhado numa batalha decisiva, ela tem que ser literalmente vasada numa só peça. Nesses momentos todo o Partido tem que corresponder instantaneamente e sem uma vacilação às ordens da direcção; disso depende o êxito ou a derrota da batalha que se trava. Quem não o compreendeu, quem não se dispõe a aceitar esta disciplina de ferro, não se pode ainda considerar um comunista.

Mas esta unidade monolítica do Partido, não se obtém por decretos, por ambientes de caserna ou pela acção automática de regulamentos estatutários, por mais perfeitos

que sejam; ela forja-se constantemente, dia após dia, através da luta de ideias no seio do próprio Partido; pela confrontação constante das concepções opostas e pela sua resolução segundo o método dialético marxista, elaborando, a partir da luta, novas concepções, mais correctas, passando da unidade à contradicção e da contradicção a uma nova unidade mais elevada.

São burocratas ineptos e não dirigentes comunistas aqueles que julgem que podem fazer obedecer o Partido à sua voz, só porque estão investidos duma autoridade superior e dão uma ordem; o Partido obedecerá e corresponderá às directivas, como um mecanismo perfeito, se se tiver travado uma permanente luta de ideias que tenha efectivamente conduzido os dirigentes, o aparelho do Partido e a massa dos militantes a identificar-se voluntariamente com a linha traçada, a assimilá-la e a aceitá-la como sua. Se isto não for feito, a unidade do Partido não estará consolidada e poderá abrir fendas no momento preciso em que devia ser mais sólida do que nunca.

A unidade orgânica do Partido só pode ser edificada sobre a base da sua unidade ideológica e essa unidade ideológica nasce no decurso da luta de ideias; este é um princípio essencial. Todo aquele que restringe a luta de ideias no seio do Partido, que responde às dúvidas, às objecções e às críticas com fórmulas dogmáticas, com argumentos viciados ou com excomunhões, está a minar a unidade ideológica do Partido e a preparar a sua desintegração. Os revisionistas destroem a unidade do Partido precisamente porque, sentindo-se desamparados para a luta de ideias, depositam uma confiança supersticiosa nos meios administrativos, nos regulamentos burocráticos, e descuem a única acção que pode gerar a unidade: a luta entre concepções opostas segundo o método marxista.

O centralismo só é correcto e eficaz se assenta sobre uma democracia elevada. Confundir o espírito revolucionário de Partido com o espírito de igreja, transformar a questão da democracia interna num espantinho e desanimar toda a reclamação de democracia, estigmatizando-a como "manifestação burguesa", contrária à unidade e à força do Partido, é um recurso de elementos que se afastam irremediavelmente do marxismo-leninismo e que não olham a meios para tentar impor a sua autoridade. Eles deviam saber que, com métodos administrativos e burocráticos, pode conter-se momentaneamente a luta de ideias no seio do Partido mas, no fim de contas, não se consegue senão apressar a própria derrota.

Quando a luta ideológica se transforma em luta política

Isto não significa que se possam resolver no interior do Partido todas as condições ideológicas que nele se formam. Frequentemente, estas contradicções ideológicas não se conseguem superar por meio da luta interna, extravasam para além dos limites do Partido e transformam-se na luta política entre correntes opostas.

Isto nada tem de estranho. O Partido desenvolve a sua actividade no interior da sociedade capitalista, rodeado por todos os lados pela estrutura burguesa reinante, pelos interesses burgueses, pela ideologia burguesa. Esta pressão burguesa gera continuamente no seio do Partido pontos de vista idealistas, reaccionários, favoráveis à burguesia e dá lugar ao aparecimento de tendências de compromisso, de capitulação ou de aventura. Mesmo travando-se uma luta de ideias permanente em todos os organismos do Partido, estes pontos de vista errados tendem a constituir-se em nós de resistência, em correntes ideológicas contrárias ao marxismo e à revolução, em pontos de apoio da burguesia no interior do partido do proletariado.

Nos períodos de estagnação política, de marcha pacífica da revolução, pode acontecer que estas correntes opostas não se revelem com agudeza e que se vão sedimentando lentamente; o Partido dará, a um observador superficial, a imagem de uma força unida, mas ele estará na realidade a sofrer um processo de divisão que se revela-

rá abertamente ao encontrar-se o Partido confrontado por uma crise.

Nestas alturas, uma direcção verdadeiramente marxista-leninista terá perante ela uma tarefa dupla de grande responsabilidade: ela terá que elevar decisivamente a luta de ideias no interior do Partido e, através dela, elaborar respostas que superem os pontos de vista estranhos ao marxismo, que os derrotem ideologicamente; e ela terá, por outro lado, que adoptar medidas disciplinares contra aqueles dos seus membros que, não acompanhando a luta de ideias, se fixam em posições contrárias à linha do Partido. Se este trabalho duplo de depuração interna do Partido não for realizado, as fracções ideológicas declaradas evoluem mais cedo ou mais tarde para fracções orgânicas, que podem provocar uma cisão ou até vir a conquistar a direcção e o aparelho do Partido, fazendo-o degenerar, de revolucionário, em reformista. Isto deu-se já várias vezes na história do movimento revolucionário.

Nos últimos 20 anos, o Partido Comunista Português encontrou-se por duas vezes, em 1944-46 e em 1956-59, perante a formação de correntes anti-marxistas bem definidas no seio da sua direcção. E, em nenhuma destas situações, a direcção foi capaz de elaborar a sua linha de forma mais elevada, que superasse efectivamente os desvios surgidos, nem soube adoptar medidas orgânicas contra os militantes que manifestavam a persistência de noções de compromisso com a burguesia. É assim que se compreende que toda a direcção do Partido tenha sido conquistada para as ideias que não soube combater de forma consequente, e tenha deslizado para o reformismo.

E assim, quando há um ano, um núcleo de militantes comunistas resolveu vir a público com as divergências surgidas no interior do Partido e se constituiu o Comité Marxista-Leninista, isto não foi mais do que a conclusão inevitável dum processo de divisão ideológica que se vinha desenvolvendo surdamente ao longo dos anos e cuja maturação foi precipitada pelos grandes movimentos de massas de 1961-62. Insultar e amaldiçoar os comunistas que começaram a organizar-se fóra do actual Partido, falar em "provocação" e "traição ao Partido e à classe operária" pode, na verdade, intimidar ou paralisar mais ou menos os militantes, mas não resolve nenhum dos problemas em aberto. Uma vez que se tinham formado divergências graves no decurso da actividade, só havia duas alternativas: ou as divergências eram superadas pela luta de ideias e pela experiência prática (e, nesse caso, a partir da luta, formar-se-ia uma nova unidade ideológica mais elevada), ou as divergências não eram superadas pela discussão, como não foram, e, nesse caso, elas tinham que extravasar todos os diques e sair para além dos limites do Partido, passar do terreno puramente ideológico ao terreno político, passar da luta de duas tendências no interior do Partido à luta entre dois partidos. Foi o que aconteceu.

Querer reprimir este processo de divisão, elevando o centralismo, a disciplina e a unidade orgânica a categorias absolutas, é colocar-se fora do marxismo e fugir aos princípios essenciais do Partido. O Partido não é uma igreja nem um clube desportivo, onde a força de coesão interna são a fé ou o "espírito clubista"; O Partido é uma organização de combate do proletariado e das massas oprimidas, que se guia pela concepção marxista da sociedade e do mundo e que traça um caminho revolucionário para chegar ao comunismo. O único problema a discutir é, pois, em última análise, o problema de saber onde está o marxismo-leninismo, onde está a verdade e o erro, de escolher entre duas linhas opostas.

A pergunta: é admissível a divisão do Partido? nós respondemos, portanto: não só é admissível como é obrigatória se se trata de salvaguardar os princípios revolucionários do marxismo-leninismo que deram existência ao Partido, se se trata de combater a implantação do revisionismo e do reformismo no seio do Partido do proletariado. A divisão orgânica do Partido, contra a qual os actuais dirigentes se horrorizam hipocritamente, não é mais do que o resultado, a forma superior, da divisão ideológica que eles próprios provocaram e aprofundaram ao longo dos anos com o seu reformismo.

Como elevar o nível ideológico do Partido ?

A fonte permanente das questões disciplinares que actualmente invadem o P.C.P. está nas divergências surgidas quanto à linha do Partido e do movimento comunista internacional. Enquanto essas divergências não forem superadas por meio de uma luta de ideias séria, que ponha a claro onde está a verdade e onde está o erro, a luta em torno no Partido não deixará de se agravar, com os seus reflexos no campo disciplinar. Eis uma evidência que não serve de nada tentar ocultar.

É certo que os dirigentes do P.C.P. também falam na necessidade de elevar o nível ideológico dos militantes, e de o elevar rapidamente, mas é em vão que procuramos quaisquer indicações concretas dessa elevação. Podem encontrar-se com frequência generalidades confusas e abstractas, sermões moralizadores sobre os deveres dos comunistas, ou afirmações dogmáticas; mas não se encontram raciocínios claros sobre a marcha da revolução em Portugal e no mundo, não se encontram argumentos convincentes de uma linha e de crítica às linhas que se lhe opõem. O recurso aos insultos e aos rótulos feitos torna-se a norma; inventam-se "teses" absurdas, como é essa extraordinária invasão de "ideias aventureiristas pequeno-burguesas" que, segundo o "Militante", invadiu, em Abril do ano passado, todas as organizações do Partido para logo depois se voltar a sumir tão misteriosamente como aparecera, como se se tratasse dum sarampo ideológico... A isto chamamos nós baixar e não elevar o nível ideológico do Partido.

Se as ideias "burguesas" por nós defendidas giram em torno de questões precisas e bem determinadas, como o carácter da revolução portuguesa na época actual, a política de alianças do proletariado, a aplicação das diversas formas de luta na preparação e desencadeamento da insurreição anti-fascista, a luta contra o imperialismo e o revisionismo moderno, porque não elevar o nível ideológico dos militantes discutindo directamente estas questões que, pelos vistos, os confundem e os levam a pôr em dúvida a justeza da linha do Partido?

Os dirigentes do Partido demonstraram já que não o podem fazer porque, perante as divergências surgidas no Partido e no movimento comunista internacional, eles não se esforçaram por abrir debate, baseado no espírito de investigação e de análise marxista; eles trataram de impôr por todos os meios a linha que já tinham escolhido antecipadamente, a sua linha de unidade com a burguesia e de contenção do movimento revolucionário do proletariado português, e o apoio incondicional à linha krutcheviana de conciliação e capitulação perante o imperialismo.

Apesar dos seus apelos à elevação do nível ideológico, os dirigentes do P.C.P. não têm mais para dar aos militantes do que argumentos falseados e um sectarismo febril, que os levará a enfraquecer cada vez mais o Partido; é isso que mostra o "Militante", quando os discursos abstractos sobre a necessidade de elevar o nível ideológico do Partido terminam com directivas muito explícitas e muito concretas: "Que todos aqueles para quem estes princípios não servem, tomem a liberdade de se afastar do Partido que não lhes serve porque não é o seu". Esta é a manifestação mais palpável da "elevação do nível ideológico": dela resultou já a expulsão de diversos membros do Partido e o afastamento de muitos outros que se encontram sem contactos com a direcção, depois de apresentarem discordâncias ou dúvidas sobre a linha seguida.

Pela nossa parte, trabalharemos por elevar realmente o nível ideológico de todo o Partido porque sabemos que disso depende a derrota da direcção reformista e a reconstituição dum partido marxista-leninista em Portugal.

